

Resumo

“Para lá de Moura, a rota do paraíso”. A geografia afectiva de Urbano Tavares Rodrigues

Este artigo analisa as representações literárias da paisagem e as percepções da natureza em narrativas de Urbano Tavares Rodrigues cujo espaço de acção se situa no Alentejo, com destaque para a colectânea *Estórias Alentejanas*, que reúne contos e novelas escritos antes de Abril de 1974. Paralelamente, são convocados alguns excertos do ensaio *A Luz da Cal*, para perceber até que ponto as paisagens literárias da ficção estão ancoradas numa geografia real, no *locus* do escritor. Percorremos algumas narrativas situadas no Monte da Esperança e área envolvente, espaço físico onde Urbano cresceu, em comunhão com a natureza e com o mundo rural, e cavalgamos as paisagens de montado entre os rios Ardila e Guadiana que o autor desbravou na juventude. Concluimos que os locais concretos da infância e juventude do autor configuram a sua geografia afectiva e literária. A literatura é a forma de Urbano re-habitar a paisagem.

Palavras-chave: Alentejo. Ardila. Guadiana. Monte da Esperança. Natureza. Paisagem.

Abstract

“Para lá de Moura, a rota do paraíso”. The affective geography of Urbano Tavares Rodrigues

This paper analyses the literary representations of landscape and the perceptions of nature in narratives by Urbano Tavares Rodrigues located in Alentejo, with emphasis on the fictions collected in *Estórias Alentejanas*, which brings together stories written before April 1974. Simultaneously, we summon excerpts from the essay *A Luz da Cal*, in order to meet the literary landscapes, anchored in a real geography, the writer's *locus*. We walk through narratives situated in Monte da Esperança and its surroundings, a place where Urbano grew up, living with nature and the rural world, and we ride through the ‘montado’ landscapes between rivers Ardila and Guadiana, which the writer explored in his youth. We conclude that the real places of the writer's childhood and youth configure his affective and literary geography. Literature is the author's way of reinhabiting the landscape.

Keywords: Alentejo. Ardila. Guadiana. Monte da Esperança. Nature. Landscape.

“PARA LÁ DE MOURA, A ROTA DO PARAÍSO”. **A GEOGRAFIA AFECTIVA** **DE URBANO TAVARES RODRIGUES**

Joana Abranches PORTELA

Centro de História de Arte e Investigação Artística, Universidade de Évora*
joana.portela75@gmail.com

1. “Meus olhos desmesuradamente abertos perante os segredos da Natureza”

À beira do Ardila, foi rural a infância de Urbano. Nascido na urbe lisboeta, tinha três anos quando a família se mudou para um monte alentejano, nos arredores de Moura, terra dos antepassados paternos: “Foi nesse cenário rústico, que de Inverno acordava muitas vezes branco de geada e onde a Primavera vinha cedo, de ouro e azul, sobre a verde germinação das searas, que decorreram os anos mágicos da minha infância.”¹ Entre plainos, montes e montados, os olhos sensíveis e espantados de Urbano habitaram o largo Alentejo. Ou terá sido o Alentejo quem habitou a larga infância de Urbano?

Terminada a escola primária em Moura, volta para Lisboa aos dez anos, para aí frequentar o Liceu Camões. Mas as terras alentejanas, o rio Ardila e o Monte da Esperança continuariam a fazer parte da sua adolescência e juventude, em regressos sazonais muito ansiados. É com viva emoção que, no romance *A Hora da Incerteza*, pela voz narrativa, o escritor recorda a paisagem alentejana da infância, à qual retornava sempre nas férias, um “reino encantado” à beira-rio, um lugar sagrado, levando-nos consigo em passeios a pé, a cavalo ou em excursões da memória:

Já nos aproximamos da ribeira. Deixamos as terras semeadas, vamos por um estreito carreiro, quase à beira-rio, entre choupos e amieiros. [...] A outra margem, pedregosa e bravia, aproxima-se em ondas de azinheiras desgrenhadas. [...] Gostaria de poder explicar-lhe que foram para mim como um reino encantado (sobretudo quando, já a estudar em Lisboa, vinha aqui a férias) estas hortas, as malhadas dos pastores, os freixos da ribeira, e como tudo isso se me tornou mais tarde em talismãs, em coisas sagradas. (Rodrigues, 1995, p. 80)

ALENTEJO(S) – Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção, Lisboa, Edições Colibri, 2021, pp. 175-191.

Indelevelmente marcado por esse espaço-tempo da infância no Alentejo, o escritor dedicou a esta região uma parte significativa da sua obra enquanto ficcionista. A natureza vibrante, as paisagens de montado e planície, os campos e as suas gentes, os trabalhos e os dias, mas também as desigualdades e misérias do povo são o barro com que Urbano molda as suas narrativas. Assim o escreve no conto “Terra Vermelha”: “Aqui descobri a beleza da árvore alentejana no espaço vazio, aqui, depois da sesta e dos mergulhos no rio, acordei poeta [...] Aqui aprendi a fraternidade e é aqui que ela pulsa mais verdadeira em mim, junto destes deserdados” (Rodrigues, 1977, p. 211).

Este enraizamento fundo e fecundo com “a terra vermelha da margem esquerda” está lavrado em vários romances, mas sobretudo nas suas coleções de contos e novelas, desde a obra inaugural, *A Porta dos Limites*, até à quase derradeira, *A Última Colina*. Algumas dessas narrativas, escritas antes de Abril de 74, estão reunidas na antologia *Estórias Alentejanas*, de 1977, que constitui o principal *corpus* de análise para este artigo.

Contudo, não é apenas enquanto ficcionista que Urbano se destaca como o grande escritor do Alentejo. O luminoso ensaio/roteiro de viagem que escreveu para o álbum fotográfico *A Luz da Cal: Itinerário Alentejano* é um autêntico hino de louvor a todo esse chão e horizonte do imenso além-Tejo, de alto a baixo, da costa à raia. Uma leitura paralela desta viagem ensaística por *A Luz da Cal* – eivada de memórias autobiográficas – e dos espaços evocados nas *Estórias Alentejanas* permite-nos redescobriros sítios, os lugares que afeioaram a mundivivência e o olhar do escritor, a começar por aqueles, indelévels, que haveriam de tornar-se, mais tarde, os talismãs da sua “rota do paraíso”:

Para lá de Moura, a rota do paraíso: pela estrada que passa na bica do Moscão, sobre o Rio de Brenhas, vai o churrião, puxado por uma parrelha de machos espanhóis, avançando pela estrada nova, até tomar o caminho pedregoso que, entre olivais e alguns “montes” pequenos e alvacentos, conduz ao grande portão da Quinta da Esperança, com o seu sino de gaiola. Meus joelhos esfolados, meus olhos desmesuradamente abertos perante os segredos da Natureza, a água puríssima da mina, as primeiras caçadas, os primeiros livros, o aprender da espora. (p. 80)

O que aqui propomos é um breve “passeio literário”, na companhia de Urbano, por lugares da sua rota do paraíso. Nesta abordagem à representação literária da natureza, do território, da relação humana com a terra nas narrativas das *Estórias Alentejanas*, o olhar que guia este artigo parte, desde logo, de duas chaves de leitura. A primeira provém de afirmações do

próprio escritor: “Sinto, porém, a Natureza como divina, numa renovação permanente de que fazemos parte, como os animais e as plantas”², acrescentando, noutra ocasião, reconhecer em si próprio uma “costela de comunista e outra de franciscano”³. Esta comunhão franciscana com a natureza constitui, parece-nos, um dos horizontes de referência das suas ficções.

A outra chave de leitura que orienta a nossa análise é a concepção do filósofo e historiador Besse (2013) no seu artigo “Estar na paisagem, habitar, caminhar”, sobre a paisagem como o espaço do *habitar* humano, como uma *geografia afectiva*, de proximidade e de implicação com o mundo. Deste envolvimento, implicado e vivido, do ser humano com o espaço nasce uma *geografia sapiente*, na qual o corpo ocupa um lugar central na construção das experiências paisagísticas.

Ora, a paisagem habitada de Urbano começou por ser, na infância, o espaço rural e concreto “para lá de Moura”, entre o Monte/Quinta da Esperança e a ponte do Ardila, estendendo-se depois entre Ardila e Guadiana, e mais tarde a todo o território simbólico da Margem Esquerda⁴. Por fim, a sua geografia afectiva abarcará toda a lonjura do Alentejo. Pelos olhos e palavras do escritor, vamos calcorrear a sua rota do paraíso, entre a metáfora e a observação do real, onde uma certa nostalgia sempre coabita com a esperança.

2. O Monte da Esperança e o Vale da Parra: “o nosso condado mágico”

Urbano cresceu na Esperança. A Esperança não foi o seu berço, mas o seu ninho. Mais tarde, a par dos valores da Liberdade e da Igualdade, a esperança há-de converter-se, de feliz topónimo, em utopia de vida. Há-de converter-se também, depois de Abril, no gesto mais largo da sua Fraternidade com os deserdados da terra e os bastardos do sol. O Monte da Esperança foi esse *incipit* auspicioso na vida do escritor: “E cresci no «monte» entre homens e bichos do campo, entre mistérios e maravilhas, estios ardentes, invernos de sol e geada, algumas vezes molhados, com a chuva a cavalo no vento pelos olivais apagados ou sobre o montado, que então vestia o seu capote de tristeza” (Rodrigues, 1996, p. 11).

Para lá de Moura, a 4 km da vila, descendo para o rio, o Monte da Esperança é o “lugar que marca decisivamente a sua infância, em descobertas de espaços de liberdade e de gentes, em aprendizagem do amor «pelos seres e pelas coisas», e colorindo de tons solares toda a sua vida de escritor” (Santos, 2009, p. 15). Em Urbano, os lugares da sua meninice são um ponto

de eterno retorno, de terno renovo. Pela voz narrativa d’*A Hora da Incerteza*, são evocados, com detalhe e ternura, os espaços agrícolas do monte:

Os *montes* costumam ficar em pontos altos, arejados, mas este acolheu-se às concavidades de um vale, que vai descendo, em suave declive, para a ribeira, ericado de oliveiras e favais e, por fim, espraiando-se em terras de nata, que permitem duas culturas por ano. [...]

Os milhafres, lá em cima, rondam o festim, às vezes descem sobre os charros e os olivais, do lado da mina de água, para logo ganharem novamente altura, sempre atentos. [...] Arrasto-o para a eira, de onde se avista, de um lado, a estrumeira do *monte*, junto à cavaliariça, ao celeiro e à vacaria; do outro lado, os longes do rio, com os seus choupos esguios e desnudos. [...]

Eu vinha volta e meia para esta eira em pequeno. Havia aqui uma grande serra de palha, tão alta como um castelo, na minha visão desse tempo. Subia lá para cima, com outros garotos, e dominávamos o curral dos porcos, os olivais, a horta, que era um jardim muito verde com olhos-flores, as grandes nespereiras e os atalhos inviolados das mangas, as nódoas roxas da sondagem, as sobreiras muito copadas... Éramos os donos do mundo. (pp. 51, 53, 55)

Esse mundo alargava-se pelo Vale da Parra, para lá dos olivais em volta e dos limites ribeirinhos do Monte da Esperança: espraiava-se para montante e jusante do rio Ardila, e para a outra margem, lugares que Urbano vadeava livremente, com o irmão Miguel, várias léguas em redor. Em *A Luz da Cal*, o escritor refere-se a esse território como o “condado mágico da minha fantasia, esse trecho de terra e de rio que vai da ponte do Ardila à horta dos Frades, carregado de segredos, e tem todos os tons da paleta alentejana” (p. 49). Aproveitemos estas palavras para realçar que a paleta multicor do Alentejo está sempre muito presente em Urbano: além do “branco de geada”, do “ouro e azul” da Primavera, da “verde germinação das searas”, já citados⁵, encontramos uma cromia muito variada na figuração da natureza: “as grinaldas roxas das olaias”, “o roxo do alecrim”, “os tufos rosados dos loendreiros”, “a flor dos almeirões, que manchava os prados de azul”, “o fuste vermelho de um sobreiro”, “a terra vermelha da margem esquerda”, “o amarelo da flor do tojo”, a água “castanha, da cor dos barros”.

Mas retornemos à eira, ao epicentro desse mundo que começava na Esperança e que, em expedições a pé ou a cavalo, se estendia pelas terras à volta – olivais, charnecas, montado. É nesta eira, palco de tantas brincadeiras, mas também de arriscadas proezas equestres, que tem lugar o conto

“A prova dos nove”, esse ritual de iniciação que o narrador supera, ao conseguir, depois de um primeiro revés, montar o *Cravo Negro*, “um animal em pleno viço, por desbravar”:

[...] e, respirando inebriadamente, de novo me atirei ao *Cravo Negro*, num pulo que me atravessou sobre a sela. Enforquillei-o já a galope, nem sei como, e tinha a sensação de correr sob arcos do triunfo, certo de que nunca mais cairia, enquanto o cavalo [...] despedia, entre os brados dos ganhões e dos pastores, para a livre soagem, para os vastos piornais da charneca, através da courela das amendoeiras, aonde o sol arraiado arrojava todas as esperanças, sem que eu soubesse exactamente que esperanças eram... (Rodrigues, 1977, p. 124)

Vivificado pela Esperança, o Alentejo de Urbano é rota do paraíso, é flor da utopia. Sente-se latejar uma permanente vibração de vida nas suas representações paisagísticas. Os relevos da geografia, as unidades de paisagem, os usos do solo, as gentes do campo, a fauna e a flora nunca surgem como cenário, mas antes como uma imanente comunhão com a natureza e com esse mundo rural de que o escritor se sente co-pertença. Os dois excertos anteriores, descrevendo lugares concretos do monte, não só permitem uma reconstituição dos espaços rurais que moldaram a infância de Urbano, como deixam perceber a dinâmica das relações espaciais e ecossistémicas entre os diversos elementos da paisagem. Esta teia de relações é também perceptível no trecho abaixo de *A Luz da Cal*:

A nossa existência irrequieta decorria entre a realidade do Vale da Parra, com suas rochas e estevas, suas figueiras do inferno, grifos magníficos, que não nos deixavam chegar perto, os milhafres rondando alguns restos de animal morto, sobre a Casa da Barca, onde paravam então os ciganos, fazendo aguada nas suas andanças entre o Guadiana e a raia; e o sonho de olhos abertos, as aventuras fabulosas que vivíamos [...]. O nosso condado mágico era o espaço de todas as transfigurações, de todos os prodígios inventados-verdadeiros. (pp. 17-18)

“O nosso condado mágico” é bem a síntese da geografia afectiva do escritor, nesse espaço dual entre a concreta “realidade do Vale da Parra” e “o sonho de olhos abertos”, um lugar de prodígios inventados e de prodígios verdadeiros. Urbano não é, pois, um observador-pintor da paisagem alentejana; tem dela uma visão íntima, um vínculo forte que se traduz num conhecimento interno. Implicado no espaço, participa dessas relações recíprocas com a geografia física e natural, mas também participa da paisagem humana

e social que constitui a trama da sua vida no monte, “escutando os cantos e os dizeres dos camponeses, brincando com os pastorinhos das ovelhas e das vacas, galopando pelos montados do outro lado do rio, escalando cabeços cobertos de estevas e mistério.”⁶ A sua geografia é palmilhada, calcorreada, escalada, galopada. É, pois, uma geografia sapiente, de “joelhos esfolados” e “nódoas roxas da sondagem”. Mas este conhecimento interno, fundo, íntimo, deriva igualmente de momentos de longa contemplação:

Por causa dos exames, só em Julho do ano seguinte voltei ao Alentejo, onde desabou nessa altura um calor tremendo, que embaciava o céu. Mais de quarenta graus à sombra. Sufocava-se. De manhã, ainda eu saía a cavalo, em adoração aos campos ardidos, aos lucilantes restolhos, salpicados do sangue das papoilas. De tarde ficava deitado, suando, com a janela aberta, a ouvir os zumbidos das moscas; e pasmava do vigor daqueles homens que, sob as mil espadagadas do sol, a meio da tarde loira e escaldante, faziam as debilhas pelas eiras, com os lenços de riscado pendurados, à mourisca, dos sombreiros, a cobrirem-lhes as nucas abrasadas. Até os bichos, escondidos, dormiam, a não ser as cigarras, fadadas para cantar. Símbolo daquela terra era a flor dos almeirões, que manchava os prados de azul ao abrir do dia, enquanto corresse ainda uma aragem, e à hora desolada da calma parecia murcha, recolhida, senão completamente morta, para renascer afinal, outra vez azul, com o dia seguinte. (Rodrigues, 1977, p. 56)

Percebe-se, neste excerto do conto “À luz do Verão”, três características do olhar e da escrita de Urbano. Por um lado, um carácter sensível, delicado, muito atento ao real, aos tons, aos sons e aos segredos da natureza, com a qual aprende lições sobre o mundo dos homens, como a flor dos almeirões, símbolo do renascer da terra (e da humanidade) a cada novo dia. Por outro lado, a indissociabilidade da presença humana na sua geografia afectiva: são tão da paisagem as papoilas, os sombreiros e o canto das cigarras, quanto os homens que “faziam as debilhas pelas eiras”. Uma terceira característica, muito evidente neste trecho, é o carácter multissensorial (sinestésico até) da representação descritiva. Neste caso, além das sensações visuais e auditivas, predominam as sensações tácteis (*calor tremendo, quarenta graus à sombra, campos ardidos, suando, espadagadas do sol, escaldante, nucas abrasadas, aragem, hora desolada da calma*). Também a ênfase nos factores climáticos é recorrente nas descrições do ficcionista, nas quais se intui como o clima é um aspecto absolutamente determinante da paisagem e identidade alentejanas.

A figuração da natureza como espelho da alma está também muito presente no imaginário de Urbano, sobretudo nos contos que evocam a morte dos animais seus companheiros de infância, como no conto “Natal azul”, onde narra o enterro pagão do burrinho em que o escritor e os irmãos aprenderam a montar. Mas esta paisagem que sente, que se emociona, que também murcha e entristece, não é tanto o resultado de uma intencional personificação literária, quanto de uma “costela franciscana” que pervade de comunhão toda a natureza envolvente. Assim se percebe no conto “A última façanha do Tigre”, recordação da véspera da partida para Lisboa, após as férias de Natal na Esperança:

A véspera de Reis era toda repassada de melancolias. Dia tristíssimo e quase sempre azul, mas ventoso, pois no vento é que as saudades acordam. E aquelas que nos punham não eram ausências, senão desses olivedos ainda próximos e dessas lavradas que não tornaríamos a enxergar antes de Abril, quando as vacas já fossem pastar nos primeiros restolhos da cevada, ceifada em verde, à beira do Ardila.

[...] Antes da abalada, peregrínávamos pelos cerros do Vale da Parra, para levar nos olhos aquelas vistas dos sítios familiares, onde se vinham amagar com os tufos de piorno os milhanos e as abetardas. Mas dir-se-ia que até as azinheiras e os algares e as praias do Ardila onde “íamos a banhar” no Verão entristeciam de ver-nos partir. Já não era a mesma coisa... (pp. 43-44)

3. Do Ardila ao Guadiana: “adorava os rios do seu deserto”

O Alentejo do autor de “Margem Esquerda” – com as suas azinheiras e charros, os seus cabeços, cerros e charnecas – não é uma paisagem árida. As ribeiras e os rios regam a sua prosa como lhe embeberam a infância e a juventude. Pelas planícies ondulantes das *Estórias Alentejanas* sentimos rumar a ribeira da Toutalga e a de Brenhas, “onde a água corria com um bater de asas”; com as personagens dos seus contos e novelas, transpomos as poldras do Ardila, banhamo-nos nele e avistamos o Guadiana, com os seus aloendros e “moinhos árabes do longe”. Como o cavaleiro solitário da novela “Jornada sem regresso”, também Urbano “adorava os rios do seu deserto”.

Pronto: lá estava o “monte” da Defesa. E água outra vez. O Encristado adorava os rios do seu deserto. Via para lá do porto, alongando os olhos, uma atalaia e um choupal. Depois eram as terras de Moura, que a distância guardava preciosamente: olivais densos, terra rica, de brandafeição.

Havia de torcer já para a direita, querendo atingir a curva do Ardila, pelo caminho que lhe tinham ensinado. Era um atalho fundo e estreito, cheio de covas, de onde mal se enxergava a verde limpidez da várzea.

O calor diminuía.

O cavalo lá ia seguindo, num trote certo.

Lembrava-se já o cavaleiro das poldras, por onde uma vez passara, havia mais de dez anos. Por ali é que se ia para Moura. Mas ele agora queria era ver o cabeça do tesouro.

Já a azenha, que ao Encristado tinham dado em referência, se avantajava no cotovelo do rio, projectando sobre o cascalho alvi-rosete uma sombra alongada. [...]

Uma velhota, perto do moinho, andava recolhendo peças de roupa, que ali deixara estendidas a secar. (p. 15)

Esta paisagem ribeirinha foi, para Urbano, o espaço físico e afectivo das aventuras de criança e cavalgadas de juventude – e, mais tarde, a geografia sentimental do escritor, um *locus* recorrente da sua rota do paraíso. Neste excerto, são incluídos todos os pontos de referência que configuram, no imaginário do ficcionista, aquele troço – tão familiar! – do seu Ardila: o porto, a atalaia, o choupal, a curva/cotovelo do rio, as poldras, a azenha/moinho, o cascalho da margem. Estes aspectos do cenário ripícola, estes talismãs da beira-rio, tantas vezes evocados noutras narrativas, correspondem a referentes reais. Nesta passagem, estão reunidos num único panorama, e os planos sucedem-se de modo cinematográfico. A composição do espaço é abrangente, construída em movimento. Através da perspectiva do cavaleiro, “alongando os olhos”, o narrador vai projectando, a partir da concretude das coisas, aquela extensão de horizonte que se desfruta de um ponto elevado. A panorâmica é externa, mas, simultaneamente, íntima, interna, interiorizada pela memória. É uma narrativa do olhar que segue a trote pela paisagem, traduzindo a recordação *in loco* da geografia vivida.

A atalaia mencionada, outrora palco de brincadeiras arriscadas de Urbano, é a de Porto Mourão, “a velha torre de tijolo e taipa”, tantas vezes evocada na escrita do autor. Embora nos situemos no âmbito da narrativa ficcional, as paisagens, os topónimos, os lugares representados pela via da memória autobiográfica correspondem a sítios reais, georreferenciáveis e alguns deles ainda reconhecíveis por quem palmilhe “esse trecho de terra e de rio que vai da ponte do Ardila à horta dos Frades”. O chão em que se relacionam e movimentam as personagens de *Estórias Alentejanas* é um espaço vivido, sentido, um lugar de interacções, um *locus* simultaneamente

concreto da geografia física e um *topos* do imaginário do escritor, um *locus/topos* que é espelhado-transfigurado na narrativa, continuamente valorado pela sua memória individual: “Lembrava-se já o cavaleiro das pol-dras”. Este cavaleiro da novela é o Encristado, mas é também o cavaleiro que escreveu o *Ardila*.

A figura do cavaleiro surge diversas vezes nas ficções do autor de *O Cavallo da Noite*. O Encristado da “Jornada sem regresso” e o Grifo, do conto homónimo incluído n’*A Porta dos Limites*, são personagens incontornáveis, desenhadas (e desgrenhadas) pela espora experiente do escritor. No conto “Tornada da Primavera”, de novo encontramos cavaleiros e rio, mas agora seguimos à rédea os irmãos Urbano e Miguel, em cavalgadas nocturnas:

Largávamos até ao *Ardila*. Os valados [...] figuravam àquela hora vultos misteriosos e desconformes.

Vadear o *Ardila* era um heróico contentamento, a grande proeza...

– Não leva muita água?

– Vamos a ver. E um de nós arrojava-se com a corrente; a alimária ia-se afundando pelo rio, num chapejar líquido e frio que era o único ruído da noite. Íamos pois silenciosos, destribados, os joelhos erguidos tão alto quanto possível, o coração batendo: vivia-se...

– O *Papa-Léguas* está quase a nadar. Pronto, já vai subindo.

E do outro lado, reunidos de novo no arenal pedregoso, ala, por aí fora... Levávamos lume! ... As calças secavam no corpo. Quando muito despejávamos as botas. (Rodrigues, 1977, p. 37)

Urbano não desenha, não pinta, não descreve a natureza; inscreve-a no corpo, habita-a por dentro, mede forças com ela. Funde-se, afunda-se e confunde-se nela. Leva o rio no corpo e nas botas. “Vivia-se”. Urbano escreveu o *Alentejo* até aos ossos, adentra-se nele como o seu cavalo se adentra pelo rio. Pulsa, nas suas narrativas, um “coração batendo”, numa comunhão entre a dimensão física da paisagem e uma dimensão axiológica e metafísica. O *Ardila* e as suas margens não são apenas o espaço de “um heróico contentamento” e da grande proeza. São, igualmente, o lugar do descanso e da contemplação, sobretudo “À luz do Verão”:

Em começos de Junho não há prazer, para mim, como o de tomar banho no *Ardila*, ao entardecer. A água está geralmente morna, suave: durante o dia parece castanha, da cor dos barros, mas àquela hora é de oiro fundido. O Sol, nos olhos, estonteia: um clarão de loucura mansa, que me embebeda; e vou nadando, em braçadas vagarosas, pelo meio do rio. Paro, fico a flutuar, e vejo na Rola os chaparros, cujas pernas descem quase até ao

solo, e nos areais, que arrefecem, de ardentes ainda agora, os tufos rosados dos loendreiros. Cegonhas e andorinhas de água vão e vêm, e estas, um instante, mergulham no rio a cabecita, para beber. Nos choupos, a música do vento. Solidão dos choupos sempre povoada de sons... (p. 51)

Este trecho dá-nos um pequeno vislumbre do troço do Ardila que confinava com as terras agrícolas da Esperança. A representação panorâmica e sensorial da paisagem, em diversos planos, parece obtida através de uma lente cinematográfica. O olhar do narrador filma o rio como um organismo vivo, desenha nas margens e nas suas águas um fluxo de vida, aves que vão e vêm, que mergulham. Imerso no Ardila, o autor compõe para o leitor uma música de vento e choupos, de sons povoando o silêncio do entardecer. Eivada de deleite e delicadeza, esta descrição polissensorial revela uma apreensão da natureza como experiência directa, sensível. Estão presentes sensações tácteis (*morna, suave, arrefecem, ardentes*), visuais (*castanha, cor dos barros, oiro fundido, clarão, rosados*), auditivas (*música, sons*) e verbos associados ao paladar (*embebeda; beber*). São referidos também os quatro elementos da natureza (*água, sol, solo, vento*) e a diversidade de fauna e flora (*cegonhas, andorinhas de água, chaparros, loendreiros, choupos*). O escritor habita o *locus* ribeirinho com todo o seu corpo. A geografia da paisagem é vivida na geografia do corpo, por todos os sentidos. Este excerto sobre o Ardila, vivido e observado a partir de dentro, corporiza bem a tese da *geografia afectiva* defendida por Besse (2013, pp. 45-46):

Não há experiência da paisagem sem uma certa porosidade do corpo. O que significa que a experiência da paisagem exprime uma dimensão da relação humana com o mundo e a natureza, que a ciência moderna deixou de lado: a relação directa, imediata, física com os elementos sensíveis do mundo terreno. A água, o ar, a luz, a terra, antes de serem objectos de ciência, são aspectos materiais do mundo abertos aos cinco sentidos, à emoção. A paisagem é uma espécie de geografia afectiva que repercute os poderes de ressonância que os locais têm sobre a imaginação. A paisagem é, antes de mais, da ordem da experiência vivida, no plano da sensibilidade corporal.

De facto, em Urbano, há uma ressonância afectiva, amorosa, que transborda as margens do rio na evocação do lugar. Amoroso é o olhar que contempla, ao entardecer, as águas do Ardila. Pressente-se uma comunhão franciscana do escritor com o mundo natural onde se inscreve, imerso num ecossistema comum, partilhado com águas, aves e árvores. Aliás, esta descri-

ção do *locus* ribeirinho tem os seus laivos de Éden. O rio como lugar de tranquilidade contemplativa é evocado muitas vezes pelo escritor, quando, já adulto, nem sempre consegue “reverter àquela paz inquietante das lentas danças da bruma sobre o Ardila” (1977, p. 217). Contudo, no decurso do conto “À luz do Verão”, percebemos que já se perdeu uma parte deste paraíso.

Um destes dias, vinha eu do banho, já com frio, e parei no sítio onde havia dantes uma sebe da daroeira, cujas raízes foram arrancadas a poder de dinamite, porque faziam dano às oliveiras judiagas daquela estrema. A utilidade comanda sempre. Todavia, aquele valado maninho o que não representava para mim! Era a cerca do nosso mundo e hoje, que desapareceu, a terra é igual dum lado e doutro. (p. 51)

Como já vimos, é recorrente esta prevalência da memória infantil. Por meio da recordação, o escritor preserva na ficção uma paisagem alentejana que, muitas vezes, já desapareceu, em resultado da invasão do olival intensivo que vem destruindo “as oliveiras centenárias [que] são autênticas esculturas” e, também, as retorcidas “azinheiras talhadas em súplica”, cantadas por Urbano noutras narrativas. Por isso, as suas paisagens literárias tornam-se fonte de conhecimento sobre a natureza de outrora, a biodiversidade do lugar, a história ambiental de um território que sofreu mudanças no seu ecossistema ao longo dos anos. A perda da paisagem, mesmo de uma simples sebe de daroeira, leva o autor a procurar eternizá-la na sua prosa, como faz, noutra narrativa, com os choupos do rio. É precisamente essa uma das virtualidades das paisagens literárias (Buescu, 2012, p. 196):

[...] a paisagem literária, surgindo de forma consistente na literatura sobretudo a partir do século XVIII, nasce sobretudo do confronto e da consciência de que também a paisagem se perde. [...] Tal consciência do carácter precário da natureza, da sua historicidade (afinal humana) faz parte da noção de paisagem e acompanha, de uma forma ou de outra, as suas variadíssimas manifestações. Sublinhemos desde já que tal só pode acontecer porque a paisagem é sempre humanizada, e porque através dela se interroga o lugar do sujeito/homem: onde, a que pertencemos?

Para Urbano, “aquele valado maninho” da beira-rio sofreu uma mutilação e, com o desaparecimento da sebe da daroeira, foi-se para sempre o espírito do lugar – já não é “a cerca do nosso mundo”. A perda do *genius loci* é um esvaziamento de sentido da paisagem, e, talvez por isso, se perceba, nas suas narrativas, uma certa melancolia pelo paraíso perdido, que não é apenas o

tempo feliz da infância, mas também o chão concreto, com os seus lugares de afecto. Neste desalento do escritor, quase antecipamos o que Buescu (2012, p. 197) dirá a propósito da perda da paisagem: “Um mundo ocupado pelos valores apenas materiais, e onde nenhum espírito habita, é um mundo de onde a paisagem desaparece, e onde o lugar humano deixa de existir.”

As margens do Ardila e do Guadiana eram, para Urbano, um lugar humano, um espaço natural sempre humanizado, o território das cavalgadas, mas também o lugar da fraternidade e do contacto com a miséria:

Aí pelos catorze anos, galopava eu inebriadamente entre Ardila e Guadiana, com meu irmão Miguel, ao fim da tarde, atrás do sol. Cabeços, chamecas, ferragiais, ermos pedregosos iam desaparecendo sob as patas dos cavalos. Através do esforço puro e do exercício da coragem, procurávamo-nos, sentindo em nós latejar a vida, nessa bebedeira adolescente de vento e espaço. Descobríamos ao mesmo tempo a fraternidade, naquelas casas de adobe, bem pobres e frias, onde entrávamos quase com vergonha e víamos partilhar a penúria ou a fome. (Rodrigues, 1996, p. 7)

Uma singularidade das paisagens alentejanas de Urbano é o facto de serem, muitas vezes, atravessadas na garupa de um cavalo. A geografia é percebida pela prática do cavalgar, modo secular de conhecimento e de transformação simbólica do território. Nas suas ficções, o território entre Ardila e Guadiana é desbravado em cima da sela, de madrugada ou em pleno dia, ao entardecer ou adentrando a noite escura. E a paisagem descrita vai variando, seguindo o ciclo circadiano. No conto “Tornada da Primavera” (Rodrigues, 1977, p. 40) assistimos ao acordar da natureza no montado alentejano. A descrição, sensorial e sinestésica, é pincelada quase em modo impressionista, com contornos imprecisos: “ainda a luz não esculpia nitidamente os relevos” e “a claridade adolecia nos aguaçais”. A luminosidade que vai despontando é suave e morna, não é ainda a luz que fere. Mas, com o curso do sol depois do zénite, também a paisagem se transfigura, algo que acontece no “Poema do «monte» agoirado”, incluído em *A Noite Roxa*. Este poema em prosa, esta recriação lírica da ruralidade alentejana, repleta de nostalgia “do tempo antigo”, evoca o recolher da natureza no montado:

Volto tão triste do hospital, à hora de vésperas, quando o vento carrega as lembranças do tempo antigo. O vento do Mediterrâneo... e não aquele que rasa a chameca, perseguindo na última luz das distâncias a rota esquecida dos churriões.

Olha, um som familiar. Dir-se-ia que alguém coze pão num forno. [...]

Ouvíamos crepitar a lenha de azinho. A tarde baixava, sorridente. Era bem um som alentejano!...

Acolhiam-se os abibes aos piornos, lá junto do Ardila, onde estão guardados os nossos segredos...

[...] os meus olhos seguem a mirada das águas do Guadiana. Ouço os campilhos dos rebanhos, ao recolher. Já são horas de vestir a minha samarra: a planura chama por mim; vai cair geada entre os cabeços, nas ondas do matagal cheiroso...

[...] Escorriam pelo rio em fogo as canções mouriscas. Colheste um lírio.

[...]

Eu queria apanhar um grilo para conhecer as vozes da terra à hora de o sol esfriar. Cavalos fugiam pelos montados e esse som de cavalgada era sempre o longe, com os cerros azulando – impossíveis aventuras na placidez infinita da tarde.

(Rodrigues, 2005, pp. 463-464)

De novo, estamos perante uma paisagem marcadamente sensorial, captada por todos os sentidos em simultâneo, mas aqui com predomínio das sensações auditivas, desses “sons-relíquias” de que o autor também fala no conto “Terra vermelha”. Urbano é o grande cantor do Alentejo, porque intimamente lhe conhece “as vozes da terra à hora do sol esfriar” ou os “gemidos vegetais, rasteirinhos, dos trigos miúdos” e ainda “as canções mouriscas” do canto alentejano. Na música da sua prosa, o ambiente rural do Alentejo é profundamente sonoro e diverso: os sons da terra, do rio, dos animais, da vegetação, dos camponeses, do pão que coze num forno. Há sempre uma união muito corporal e rubra com o território. A paisagem não é externa, é interna ao escritor, dir-se-ia que lhe corre nas veias.

4. “O Alentejo é o sangue que me corre na esperança”

É pelos órgãos do corpo, pelos joelhos e pelos olhos, pelo caminhar e contemplar, que Urbano se espanta ante os segredos da Natureza, imerso na paisagem que a sua prosa corporiza. À desmesura do seu olhar aberto, deslumbrado, corresponde a desmesura do Alentejo imenso. Percorrer as *Estórias Alentejanas*, intuir nelas essa infância de “joelhos esfolados”, esse conhecimento táctil e tatuado dos lugares, é entender a ideia do habitar a paisagem caminhando, da geografia trilhada como experiência polissensorial do espaço. Este caminhar é, no escritor, complementado pelas caçadas e “pelo aprender da espora” e, na adolescência, pelo livre cavalgar por cabeços e montados.

Questionando-se porque perdura no escritor “um imaginário literário es-
tritamente alentejano”, João de Melo (2015, p. 193) fala de uma espécie de
infância que se tornou eterna: “O Alentejo participa da educação sentimental
do escritor, pela razão de ter sido nele que o homem descobriu os seres e as
coisas; pelo facto de no homem e no escritor terem acordado o eco e o teste-
munho da sua realidade quotidiana. [...] Uma obra literária assim enraizada
traz até nós o Alentejo real, sublime, deserto e povoado”. É o próprio escri-
tor, na nota introdutória a *Estórias Alentejanas*, quem assume esta ligação
umbilical, ontológica, vital, entre o seu espaço de vida exterior e interior:
“Nesta prosa muitas vezes metafórica, em que cristaliza o meu Alentejo in-
terior, há um referente – o meu Alentejo exterior, [...] que tem sido sempre
o único terreno onde todas as minhas interrogações, inseguranças de escritor
(de homem problemático) se desfazem na certeza da luta necessária e ur-
gente. / O Alentejo é o sangue que me corre na esperança.” (p. 10)

Este passeio, que agora terminamos, por algumas narrativas e paisagens
alentejanas de Urbano Tavares Rodrigues permite-nos concluir que o seu
Alentejo, como espaço habitado – vivido até à raiz, até à cicatriz – tem uma
qualidade emocional, tem uma substancialidade afectiva. Lidas no seu con-
junto, as *Estórias Alentejanas* deixam perceber até que ponto este território
representa a geografia literária, sentimental e ideológica da sua obra. Mar-
cado por uma vivência holística na paisagem, o escritor reconhece-se parte
integrante, integrada, da natureza que co-habita, espelhando na sua escrita
esta unidade, esta pertença recíproca. A literatura é a forma de Urbano re-
-habitar a paisagem. Ler Urbano é uma forma de re-habilitar o vínculo
amoroso humanidade-natureza.

Referências bibliográficas

- BESSE, Jean-Marc (2013). Estar na paisagem, habitar, caminhar. In I. L. CARDOSO
(coord.), *Paisagem Património*. (pp. 33-53). Porto: Dafne Editora / CHAIA.
- BUESCU, Helena Carvalhão (2012). Paisagem literária: imanência e transcendência.
In C. REIS, J. A. C. BERNARDES e M. H. SANTANA (coord.) *Uma coisa
na ordem das coisas: estudos para Ofélia Paiva Monteiro*. (pp. 193-203).
Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CACHAPA, Possidónio (2015). A Fêmea Terra e o Amante Urbano. In E. M.
RAPOSO (coord.), *Urbano, o Eterno Sedutor* (pp. 220-230). Lisboa: Edições
Colibri / C. M. Montemor-o-Novo.

- MELO, João de (2015). Urbano Tavares Rodrigues e o Alentejo. In E. M. RAPOSO (coord.), *Urbano, o Eterno Sedutor* (pp. 192-194). Lisboa: Edições Colibri / C. M. Montemor-o-Novo.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1977). *Estórias Alentejanas*. Lisboa: Editorial Caminho.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (1995). *A Hora da Incerteza*, Lisboa: Edições Europa-América.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (texto) e CARDOSO, António Homem (fotografia) (1996). *A Luz da Cal: Itinerário Alentejano*, Ponta Delgada: Éter.
- RODRIGUES, Urbano Tavares (2005). *Obras Completas, vol. I. A Porta dos Limites. Vida Perigosa. A Noite Roxa*. Lisboa: Dom Quixote.
- SANTOS, Luísa D. (2009). Alvor de um poeta de generosidade militante. In L. D. SANTOS (org.) *Escrevivendo Urbano Tavares Rodrigues – Exposição Bibliográfica*. (pp. 15-32). Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo / C. M. V. Franca de Xira.
- VV. AA. (2011). *Memória das Palavras. Urbano Tavares Rodrigues*. S/I: Edições Cão Menor.

Agradecimentos

A autora agradece aos coordenadores do Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, projecto no âmbito do qual foi realizada a investigação que deu origem a este texto. Agradece, igualmente, as sugestões e leitura crítica de Ana Isabel Queiroz, Isabel Alves, José Portela e Margarida Morgado, amiga do escritor.

Notas

- ¹ A casa da minha infância, *Seixo Review: Revista Semestral de Artes e Letras*, n.º 6, s/d.
- ² Entrevista de Urbano Tavares Rodrigues ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, ano XXVII, n.º 955 (Suplemento, n.º 112), 9 de Maio de 2007.
- ³ Fonte: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2013-08-22-Urbano-tavares-rodrigues-1923-2013-o-escritor-e-o-cidadaof746254/>
- ⁴ “Margem Esquerda”: Território alentejano delimitado pelo Guadiana e pela fronteira com Espanha, que inclui os concelhos de Mourão, Barrancos, Moura, Serpa e Mértola. Historicamente, as populações da Margem Esquerda sentem-se esquecidas e distantes do poder central, nas periferias do Alentejo, mais próximas de Espanha do que de Lisboa. É o território identitário e cultural dos alentejanos que vivem para lá do Guadiana.
- ⁵ A casa da minha infância, *op. cit.*
- ⁶ A casa da minha infância, *op. cit.*

* Doutoranda em Artes e Técnicas da Paisagem.

NB: A autora não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990.